

Venezuela vai às urnas em ameaça inédita a Maduro



Venezuelanos caminham em frente a mural de Hugo Chávez e Nicolás Maduro. *And Arbóveda/AFIP*

Venezuela vai às urnas em ameaça inédita à ditadura

Sob crise econômica, Nicolás Maduro vê Edmundo González alcançar apoio nunca antes obtido pela oposição

Mayara Paixão

CARACAS Os venezuelanos votam neste domingo (28) em um cenário jamais visto em 25 anos de chavismo. Sob pressão internacional e desgastado pela crise econômica prolongada, Nicolás Maduro, no poder desde 2013, vê uma ameaça inédita ao regime. A mobilização da oposição fez nascer uma esperança que havia muito não se via na sociedade venezuelana de troca no comando do país e do retorno da democracia. São dez os candidatos presidenciais a disputar a preferência de mais de 21 milhões de eleitores, que em recentes pesquisas demonstraram ampla vontade de ir às urnas, ainda que o voto seja facultativo. Mas só um é um adversário real para Maduro, 61: o diplomata Edmundo González Urrutia, 74.

González é o nome que estará na urna eletrônica, mas quem de fato levou multidoes às ruas em todos os cantos da Venezuela ao longo dos últimos meses foi María Corina Machado, 56.

A ex-deputada liberal, uma das opositoras mais vocais do chavismo desde anos 2000, moderou o discurso, priorizou consensos e consolidou sua figura em imagens de comícios com milhares a seu redor. Em uma manobra do regime, ela foi impedida de concorrer a cargos públicos por 15 anos depois que sua liderança ficou evidente ao despojar apoio nas primárias realizadas pela oposição. María Corina foi buscar um nome para representá-la. Tentou a filósofa Corina Yoris, 80, sem sucesso; a candidatura caiu no colo de González.

O cenário é completamente distinto do pleito de 2018, boicotado pelo antichavismo. "Felizmente e surpreendentemente agora temos enorme disposição de outros setores políticos de participar do processo, e não de sabotá-lo", afirma Luis Landier, do Observatório Eleitoral Venezuelano.

Também é diferente pela completa incerteza de seu desfecho. De um lado, a perspectiva de que a oposição — com cerca de 60% das intenções de voto em pesquisas independentes — vença e o regime não aceite o resultado. De outro, a possibilidade de o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) anunciar uma vitória de Maduro para um terceiro mandato de seis anos, e a

frustração ou uma potencial acusação de fraude levar a protestos. Não há segundo turno. Na véspera da votação, as ruas de Caracas estavam calmas, tomadas por milhares de cartazes com Maduro e seu bigode e os olhos de Hugo Chávez (1954-2013) pintados em paredes públicas. Mas pergunte aqui e ali qual o sentimento, e a resposta invariavelmente será de muita ansiedade pelo que virá "no pós-28 de julho".

Estima-se que os resultados possam ser anunciados apenas durante a madrugada da segunda-feira (29), e ninguém se arrisca a dizer o que ocorrerá seja qual for o vencedor. Para tornar ainda mais incerto o quadro, a posse se ocorrerá em janeiro, com mais de cinco meses para uma transição ou maior exposição do regime a questionamentos.

Nicolás Maduro tem contra si na uma a derrocada da economia venezuelana em um período de má gestão, agravamento de sanções e isolamento regional. Foram em seus 11 anos no poder que o país sul-americano se tornou palco de uma das maiores crises humanitárias das Américas e origem de uma das maiores diásporas do mundo.

O ditador diz ser o único capaz de avançar a mesma economia que definiu sob suas mãos. Os avanços recentes são microscópicos e não elevaram o poder de compra da população de forma relevante.

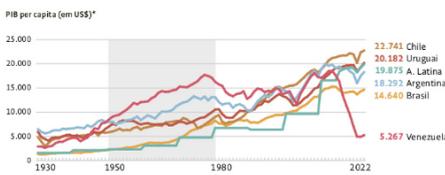
Do outro lado, Edmundo González é uma incógnita. O depurado ainda não divulgou seu plano de governo e afirma que o fará somente após as eleições. Tampouco se sabe qual papel María Corina teria em um eventual governo da oposição. Pessoas próximas dizem que ela poderia ser indicada a chanceler.

Apesar de a oposição ter chance real de vencer, a repressão não cessou. Organizações calculam que ao menos 100 pessoas ligadas ao antichavismo tenham sido detidas na campanha. Muitas já foram soltas. É a chamada "porta giratória", prática comum do regime, em especial na crise de 2017-2018, pela qual opositores são presos por um tempo e depois postos em liberdade. O objetivo é amaciar a perseguição política para a comunidade internacional, sem deixar de amedrontar opositores.

Sete membros do alto escalão da campanha estão assilados na embaixada argentina em Caracas, abrigados pela diplomacia de um dos principais desafios regionais de Maduro, o ultraliberal Javier Milei. O advogado Eduardo Torres, que atua para perseguidos políticos, afirma que Nicolás Maduro fez "um abuso crônico da legislação nacional de terrorismo para deter quem critica o regime".

O eleitor viveu nestes dias uma mistura de sentimentos: esperança, ansiedade, incerteza. Saber o que virá depois das urnas pode requerer paciência — algo que para os venezuelanos parece ter se esgotado. Colaboraram Julia Barbon e Victor Lacombe

Venezuela era o país mais rico da América Latina nas décadas de 1950 a 1970



*Em preços equivalentes a 2021, ajustados pela inflação. Fonte: Maddison Project 2023

Balança comercial atinge recorde histórico em 1974, muito dependente do petróleo



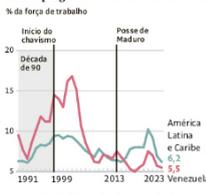
Fonte: Banco Mundial

Divida externa atinge seu ápice na década de 1980



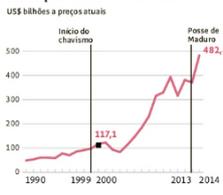
*Divida acumulada. Fonte: Banco Mundial

Desemprego cresce na década de 1990



Fonte: Estimativa da Organização Internacional do Trabalho

PIB dispara durante os anos 2000



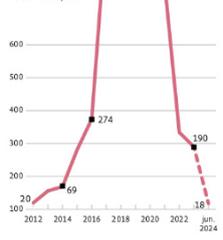
Fonte: Banco Mundial

País acumulou quase 16 mil presos políticos desde a ascensão de Maduro



Fonte: ONG Foro Penal

Inflação chegou a ultrapassar os 130.000% e agora cai a ritmo acelerado



Fonte: Banco Central da Venezuela

Mais de 7,7 milhões de pessoas deixaram o país; algumas começam a voltar



Fonte: Cepal/ONU

Qualidade de vida voltou a melhorar, mas segue em níveis dos anos 1990



Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento